

# “O leitor pergunta”: o jornal *Mensageiro Luterano* e o ideal missionário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre 1980 e 1989

Diogo da Silva Roiz\*  
Marcos Scherwinski\*\*

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise das principais dificuldades que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil enfrentou no decorrer do século XX no tocante à formação de pastores, o que desencadeou uma enorme deficiência no número de ministros para trabalho missionário e para o atendimento às congregações que estavam em funcionamento. Reflexo direto dessa ausência foi o surgimento da coluna “O leitor pergunta”, inserida no periódico *Mensageiro Luterano*, órgão oficial da Igreja. Assim, buscou-se conhecer como a coluna colaborou para minimizar a carência de pastores, traçando o perfil dos luteranos que escreviam aos editores, dos pastores que responderam a essas perguntas, bem como o teor das perguntas e respostas entre as décadas de 1980 e 1989.

*Palavras-chave:* Igreja Luterana do Brasil. Formação do pastorado. *Mensageiro Luterano*. Coluna “O leitor pergunta”.

## Introdução

Este trabalho analisa a função da coluna “O leitor pergunta”, inserida no jornal *Mensageiro Luterano*, durante a década de 1980. Desse modo, considerando que a organização missionária da Igreja Luterana do Brasil foi extremamente comprometida pela morosidade no processo de formação de pastores, buscaremos observar a utilização da coluna como forma de minimizar o efeito causado pela falta de pastores dirigentes em muitas regiões do Brasil.

\* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campus de Amambaí.

\*\* Graduado em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campus de Amambaí.

A Igreja Luterana nos Estados Unidos, a Lutheran Church – Missouri Synod,<sup>1</sup> preocupada com a vida espiritual das famílias de imigrantes de origem alemã na América do Sul, que na sua maioria eram de denominação luterana,<sup>2</sup> enviou missionários para verificarem as possibilidades de missão entre esses imigrantes.<sup>3</sup>

Ao se estabelecerem no sul do Brasil, uma das primeiras preocupações dos missionários foi divulgar entre os imigrantes a importância do trabalho realizado por essa Igreja norte-americana na América do Sul, ou mais especificamente no Brasil.<sup>4</sup> Com o apoio do Sínodo, os primeiros pastores se empenharam na criação de um informativo já nos primeiros anos, com o propósito de manter um relacionamento mais próximo entre os luteranos e também de defesa dos constantes ataques que os luteranos sofriam no Brasil por parte de jornais seculares.<sup>5</sup> Segundo Mario Rehfeldt,

a decisão de publicar um periódico do sínodo de Missouri no Brasil foi tomada nos Estados Unidos pela convenção Sinodal de 1902, com o propósito de fornecer aos missionários no Brasil um instrumento para apresentar a posição doutrinária e a prática eclesiástica do Sínodo de Missouri, defender o seu trabalho missionário de calúnias de periódicos brasileiros. E ampliar o interesse nos Estados Unidos.<sup>6</sup>

O primeiro periódico foi criado em 1903, com o nome *Evangelisch Luthe-*

*risches Kirchenblatt fuer Suedamerica* (jornal da Igreja Evangélica Luterana para a América do Sul), e era totalmente publicado em alemão, tendo como objetivo melhorar a educação dos leitores na doutrina e prática luterana.<sup>7</sup> Os efeitos causados na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, que eclodiram no Brasil em 1917, afetaram profundamente estes luteranos no Brasil.<sup>8</sup> As proibições de publicações em alemão acarretaram grandes transtornos à Igreja, visto que a maioria era feita em alemão, em especial o informativo oficial da Igreja na época, *O Kirchenblatt*.<sup>9</sup>

A partir do momento em que o governo oficializou essa proibição, a Igreja imediatamente lançou um novo informativo, o *Mensageiro Cristão*, que depois de um ano passou a se chamar *Mensageiro Luterano*. O novo órgão oficial da Igreja, que teve como redator o pastor Theophil W. Strieter, passou a ser publicado em língua nacional, tendo como principal finalidade manter seus membros informados sobre as atividades distritais.<sup>10</sup> Desde então, o *Mensageiro Luterano* passou a ser o órgão informativo oficial da Igreja Luterana do Brasil, regularmente publicado a cada mês. Sendo reflexo das ações da Igreja e de sua ação no Brasil, o jornal foi ambiente de grandes discussões teológicas, doutrinárias, administrativas, entre muitos outros assuntos ligados à formação dos luteranos no Brasil.

Entretanto, mesmo com o desenvolvimento das pesquisas em história e o reconhecimento das revistas, jornais e demais impressos sequenciais como fontes importantes<sup>11</sup> – dadas as renovações teóricas e metodológicas pelas quais passou essa disciplina nas últimas décadas<sup>12</sup> –, o jornal *Mensageiro Luterano* tem sido pouco estudado pelos historiadores que analisaram a Igreja Luterana do Brasil.<sup>13</sup>

## As dificuldades de trabalho dos missionários no Brasil

Deste o início do século XX, quando o Sínodo de Missouri decidiu iniciar seu trabalho em terras brasileiras, houve uma grande preocupação com a formação de seus obreiros. As condições em que se encontravam os luteranos alemães que aqui estavam eram de total abandono,<sup>14</sup> necessitando, assim, de pessoas bem preparadas para o seu atendimento.

O campo para o trabalho era vasto, pois dos poucos pastores que aqui se encontravam a maioria não possuía formação teológica adequada; eram o que se chamava então de “pseudopastores”.<sup>15</sup>

O pastor Broders ouviu falar que no sul do Estado, nos municípios de Pelotas e São Lourenço, havia assentamentos de mais de 10 mil alemães, a maioria de origem pomerana. Eles haviam or-

ganizados cerca de 30 escolas paroquiais, as quais serviam como templos. A única orientação espiritual que esses imigrantes tinham era dos pseudopastores.<sup>16</sup>

No Brasil, os trabalhos iniciais dos jovens pastores americanos recém-formados pelos seminários de Saint Louis<sup>17</sup> ou Springfield<sup>18</sup> não foram fáceis, pois, além de não possuírem experiência ministerial, trabalhavam em condições, conforme consta em alguns relatos, “quase que desumanas”. A oposição ao trabalho desses pastores americanos foi inflexível nas primeiras décadas de missão, alcançando o ápice de serem acusados “agentes” e “espiões norte-americanos”.<sup>19</sup> Com essa situação de turbulência na vida particular e profissional, não foram poucos os pastores que se afastaram do trabalho missionário de evangelização no Brasil.

Além disso, as diversões, aos olhos dos missionários considerados mundanas, dominavam, como bailes, jogos de azar, bebedices e a superstição; as diferenças e rixas ameaçavam as congregações;<sup>20</sup> muitas crianças e adultos eram analfabetos. Exigia-se, assim, uma atenção que muitas vezes o pastor não tinha condições de oferecer.<sup>21</sup> As dificuldades dos pastores aqui no Brasil surgiam de todos os lados, atribuídas às mais variadas causas, como o fracasso com o primeiro tra-

balho luso-brasileiro, no município de Lagoa Vermelha, tendo como um dos motivos a inexperiência destes jovens pastores americanos.

Eram situações adversas que influenciaram no trabalho árduo dos jovens missionários, os quais vinham de um país de uma realidade totalmente diferente. A falta de conforto, doenças, epidemias e a falta de transporte adequado dificultavam a locomoção entre as colônias, fatores que levavam muitos pastores a irem de férias a sua pátria e não retornarem mais.<sup>22</sup>

Entretanto, existiram também missões brasileiras cujo sucesso foi eminente, como a de Canguçu, onde após longo trabalho com afro-brasileiros houve avanços na evangelização e um dos filhos de um membro tornou-se o primeiro pastor negro luterano da América.<sup>23</sup>

## A criação do instituto para formação de pastores

A procura por pastores do sínodo era grande, mas poucos aceitavam o chamado,<sup>24</sup> motivo que levou os pastores que aqui estavam a fundar, já em 1903, em Bom Jesus, São Lourenço do Sul, o primeiro instituto<sup>25</sup> com a finalidade de formar líderes nacionais e suprir as necessidades das congregações. Relata o historiador Mario Rehfeldt:

A razão para a fundação do Instituto [...] foram: muitas pessoas ocupam indevidamente os ofícios de pastor e professor no Brasil; muitos chamados de pastores e professores chegam ao Sínodo de Missouri, mas somente alguns deles foram preenchidos, por causa da falta de candidatos; jovens brasileiros eram tão inteligentes e talentosos como de outros países; as viagens dos missionários estrangeiros eram muito caras; somente com um ministério nativo será possível um crescimento de uma Igreja Nacional.<sup>26</sup>

O trabalho com a formação pastoral iniciou em 1903 e foi interrompido um ano e meio depois por falta de pastores professores. Contudo, logo foram reiniciadas suas atividades, em 1907, com quatro alunos. Somente em 1915 aconteceu a primeira formatura dos cinco primeiros pastores formados em seminário brasileiro. O baixo número de formandos demonstra a dificuldade que a Igreja de então encontrava na busca por jovens interessados no exercício do pastorado. Mesmo com a falta de pastores, a grande preocupação era com a qualidade do ensino pastoral, não com o número de formandos. Somente os que cumpriam toda a grade curricular do seminário, que incluía provas escritas e orais, redação de sermão, catequese, interpretação de textos do Antigo e Novo Testamento, além de trabalhos escritos de dogmática e história da Igreja, eram diplomados.<sup>27</sup>

Por outro lado, os prejuízos causados pelo rigor dos seminários eram



alarmantes, uma vez que o crescimento das congregações era extremamente desproporcional à formação de pastores. Em 1915, havia 121 paróquias para 26 pastores, uma média de 4,7 congregações para cada pastor, num trabalho missionário que era quase que exclusivamente rural. Até o ano de 1930, a maioria dos pastores era de nacionalidade norte-americana, os quais faziam suas viagens montados em cavalos, mulas ou carroças.<sup>28</sup>

A Ielb, em 1950, tinha 88 pastores em sua maioria já formada em Porto Alegre, para fazer o atendimento em 539 congregações e pontos de missão, o que representava uma média de 6,12 congregações para cada pastor. Como se pode notar, o passar do tempo só agravou a escassez de pastores, discrepância que prejudicava os trabalhos missionários e o atendimento aos membros. Nesse ambiente, era frequente a perda de pastores por parte de congregações, cuja substituição podia demorar de meses a anos.

Outra função que causava sobrecarga de trabalho nas primeiras décadas do século XX eram as escolas paroquiais, nas quais eles deveriam lecionar. O auge das escolas paroquiais foi na década de 1980, quando chegou a haver 149 escolas;<sup>29</sup> porém, com a valorização da educação pelos órgãos públicos começou a decadência nas escolas paroquiais.

O *Mensageiro Luterano*, ao anunciar o seu plano de reorganização, acrescentava: “O sínodo geral abrirá os cofres de sua generosidade e destinará grandes somas para este fim”. Outro elemento digno de nota no pensamento da época é o de conectar estreitamente as missões da Igreja com o sistema de ensino. Considerava-se que a expansão missionária da IELB seria impossível sem a expansão de seu sistema de ensino.<sup>30</sup>

No final da década de 1950 a expansão missionária tinha alcançado dez estados brasileiros; havia 776 congregações e pontos de missão e 109 pastores ativos,<sup>31</sup> aumentando ainda mais a diferença: de 7,11 congregações por pastor. A sobrecarga de trabalho dos pastores, em razão das constantes viagens de atendimento às missões, aumentava a cada dia. A maioria dos pastores, até o início da década de 1950, não possuía carros. O seminário não correspondia à altura as necessidades na formação de pastores, só conseguindo formar, em média, cinco pastores ao ano, pouco para acompanhar o crescimento missionário no Brasil e no exterior.

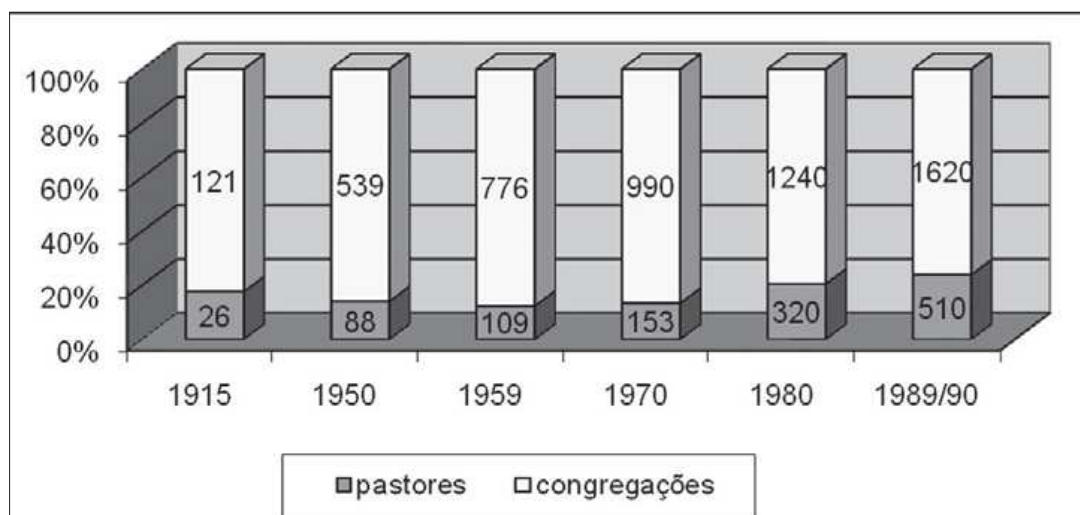
A falta de pastores era tão séria que em 1961, além de campanhas incentivando o ingresso de jovens nos seminários da Igreja, foram feitos estudos para verificar a possibilidade de juntar as paróquias em que havia poucas perspectivas de crescimento missionário.<sup>32</sup> Contudo, na década de

1960 a situação começaria a mudar. A Ielb, com a ajuda financeira da LCMS, investiu na construção de dois seminários, que viriam para auxiliar na formação de um número maior de obreiros para o trabalho da Igreja: um em São Paulo, inaugurado parcialmente em 1962, com um curso ginásial, e outro em São Leopoldo - RS, inaugurado em 1969, para onde foi transferido o pré-seminário, com cursos ginásiais e colegiais, ficando em Porto Alegre somente o curso de teologia.

A formação de pastores havia aumentado significativamente, com turmas de 19, 20 e 26 pastores ao ano,<sup>33</sup> possibilitando à Igreja abrir novos campos missionários. Todavia, nesta década a Ielb foi abalada profundamente por uma crise administrativa<sup>34</sup> e por “controvérsias teológicas”.<sup>35</sup>

Em 1970, o número de pastores teve um aumento considerável: eram

153 a serviço das 990 congregações,<sup>36</sup> média de 6,47 congregações por pastor, mas em melhores condições, pois praticamente todos já possuíam carros. Em 1979, a Igreja, visando melhorar a qualificação de seus obreiros, oferecia em regime intensivo no Seminário Concórdia, cursos de pós-graduação em teologia.<sup>37</sup> Em 1980, dobrou o número de pastores, passando a 320, distribuídos em 1.240 congregações e pontos de missão; 85% destes estavam na região Sul do país e a média de atendimento era de 3,87 congregações por pastor. O resultado dos investimentos da Igreja na formação de pastores viria no final da década de 1980 e início da de 1990, chegando a 510 pastores e 1.620 congregações e pontos de missão,<sup>38</sup> média de 3,17 congregações por pastor, mas ainda muito aquém das necessidades das congregações.



Fonte: BUSS, Paulo Wille, 2006.

Figura 1 - Número de congregações e de pastores

## Fidelidade nas praxes e doutrina

Na formação de seus pastores, os seminários luteranos, ao longo desses anos, ensinaram decididamente as doutrinas e praxes da Igreja. Em uma declaração, o Departamento de Missão da LCMS afirmava sua convicção de que os pastores da Ielb, inegavelmente, pregavam e ensinavam as escrituras e as confissões luteranas com fidelidade.<sup>39</sup> Contudo, em meados da década de 1960 teve início uma pressão sobre a Igreja para mudanças na praxe, porém sem uma definição exata para que lado seguir, o que causou ansiedade e confusão entre pastores e congregações.

O surgimento de movimentos religiosos de expressivo crescimento na segunda metade do século XX, como os movimentos pentecostais e a teologia da libertação,<sup>40</sup> trouxe preocupação para a Ielb, pois vários pastores foram atingidos pelo movimento carismático, que em várias congregações proferiam palestras sobre libertação espiritual. A Igreja reagiu com estudos e publicações em seus periódicos e fez aconselhamento com esses pastores, porém todos se afastaram ou foram desligados.

A Ielb reagiu também, mas com ressalvas, às novas tendências da Igreja-mãe,<sup>41</sup> emitindo protestos con-

tra as novas tendências teológicas e lembrando que a comunhão de púlpito com outras denominações luteranas não tinha efeito no Brasil.<sup>42</sup> A Ielb manteve contatos e participou apenas de conferências e debates de análises teológicas.

Essa nova posição teológica começou a se manifestar inicialmente na Concórdia Seminary de Saint Louis e dali se espalhou para outras áreas da Igreja. O sínodo começou a reagir contra as inovações doutrinárias já no início da década, quando, em sua convenção de 1962, estabeleceu uma Comissão de Teologia e Relações Eclesiásticas (CTCR) com a finalidade de tratar dos problemas teológicos surgidos e preservar a unidade doutrinária do sínodo.<sup>43</sup>

A Ielb buscou estudos de aperfeiçoamento prático de seus pastores junto a entidades como o Serviço de Evangelização para a América Latina (Sepal), realizando cursos de planejamento da vida e do trabalho pastoral, técnicas missionárias e crescimento da Igreja.<sup>44</sup>

Foi nesse contexto que o jornal *Mensageiro Luterano* desempenhou um papel central na propagação das doutrinas e manutenção da identidade luterana, encurtando a distância entre os seus membros e suprimindo as lacunas abertas pela falta de pastores em tempo integral nas congregações. Com essas mesmas preocupações, criou-se na segunda metade da década de 1960 uma coluna com o título, “Diga-me”,

cujo objetivo era tirar as dúvidas dos leitores do *Mensageiro*, principalmente dos membros luteranos desassistidos. Para as colunas e os artigos publicados, o *Mensageiro Luterano* contava com colaboradores que na maioria das vezes eram pastores e, em outros casos, especialistas na área de atuação.

Na coluna de resposta “Diga-me”, o pastor colaborador e responsável pode dar respostas às perguntas<sup>45</sup> era o reverendo Arnaldo João Schmidt, que nasceu em 20 de maio de 1922 na linha 8 Oeste, Ijuí - RS; formado em Teologia no Seminário Concórdia de Porto Alegre em 1942 e Bacharel em Filosofia, era conselheiro e presidente da Ielb, membro do departamento de Missão e do DEMS e reitor do Seminário Concórdia de Porto Alegre, além de pastor das congregações de Schroerder - SC e Santo Ângelo - RS.<sup>46</sup> Esta coluna permaneceu até o ano de 1969, com perguntas sempre respondidas pelo mesmo pastor, deixando, após, de ser editada por dez anos.

Nesse espaço de tempo o *Mensageiro Luterano* criou uma coluna chamada “A pergunta do mês”, na qual a redação realizava uma pergunta sobre um assunto atual e de interesse geral, e diversas pessoas convidadas responderiam a essas perguntas. Caso o leitor optasse por dar sua opinião, só precisava enviar a resposta para a re-

dação, a qual seria publicada em outras edições.

Em março de 1977, a pergunta era “O que deve melhorar no *Mensageiro*?”, à qual a senhora Traudy Ellwanger Leyser, de Porto Alegre, respondeu que o veículo de comunicação não deveria só informar e orientar, mas, também, receber opiniões, consultas e dúvidas dos que o lessem, dando-lhes as respostas cabíveis. A senhora Leyser ainda sugeriu que fosse criada uma coluna do tipo “Traga-nos suas dúvidas”, ou então “Pergunte, nós responderemos”, com respostas dadas por pessoas credenciadas para isso.<sup>47</sup>

Além da falta constante de pastores em tempo integral nas congregações, a preocupação de alguns leitores estava centrada na volta da participação do leitor, pois a alguns estados este periódico era a única fonte de informação que chegava. Em 1979, a coluna voltou com um novo nome “O leitor pergunta”, mas com a mesma proposta da primeira, de responder às dúvidas do leitor.

O reverendo Paulo Kerte Jung, outro pastor que passou a colaborar com a coluna, já fazia parte do conselho redatorial do *Mensageiro Luterano* e na coluna de “Notícias”. Assim como o primeiro colaborador, o reverendo Arnaldo João Schmidt sempre teve influência dentro das repartições ad-



ministrativas da Ielb, em razão do seu bom desempenho pastoral e da sua boa formação teológica.<sup>48</sup> Este era o perfil dos colaboradores da coluna de resposta do *Mensageiro Luterano*: pastores com formação teológica, dentro das praxes e doutrinas da Igreja Luterana, capacitados pela Igreja para responder às perguntas dentro da sua lógica dogmática.

Essa breve discussão sobre a formação pastoral talvez seja suficiente para indicar as dificuldades que a Igreja tinha para a formação de seus ministros, acarretando constante falta de obreiros para o trabalho missionário. Esse motivo era suficiente para o fiel recorrer à coluna de perguntas para esclarecer dúvidas não respondidas por seu pastor. A essas perguntas procuraremos fazer referência no próximo capítulo.

## 1980: uma década de mudanças

Ainda sob forte influência da década de 1970, a década de 1980 foi marca-

da por inúmeras transformações para as populações de todos os continentes, com a queda do Muro de Berlim, o processo de abertura do bloco socialista, a transição entre a Guerra Fria; a democratização dos países sul-americanos, a aproximação dos socialistas com os capitalistas;<sup>49</sup> a luta pela liberdade dos movimentos estudantis nos países socialistas. No Brasil, houve o fim da censura, a concessão da anistia política aos exilados e o início da luta pela democratização, com as “Diretas Já”, consolidando-se com a eleição do presidente Fernando Collor de Mello, pelo voto direto.<sup>50</sup>

Transformações mundiais, de ordem social, política e econômica e que influenciaram em todas as camadas da sociedade, foram também sentidas entre as comunidades cristãs, mais especificamente na Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que nesta década voltou a publicar a coluna de perguntas. Foram enviadas pelos leitores do *Mensageiro Luterano* 118 perguntas entre 1980 e 1989, sobre os mais variados temas e das mais variadas regiões do Brasil e do exterior.

Tabela 1 - Número de perguntas publicadas a cada ano na década de 1980

Ano	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	Total
Nº Perguntas	07	08	10	06	05	05	09	19	26	23	118

Fonte: Mensageiro Luterano. 1980/1989.

Como podemos ver na tabela, nos primeiros anos da coluna era reduzido o número de perguntas, fosse pela falta de espaço destinado à mesma, fosse, possivelmente, por reiniciar-se timidamente após dez anos de ausência. Contudo, a partir de 1987 o interesse por respostas aumentou, chegando a triplicar; desse modo, foi concedido um espaço maior à coluna.

Nesse mesmo período, o periódico publicou vários artigos com temas sobre acontecimentos da época, que muitas vezes coincidiam com as perguntas que o leitor fazia aos editores da coluna, facilitando a compreensão de um determinado assunto.

## O que almejavam saber os luteranos?

Questionamentos que revelavam dúvidas de interpretações bíblicas, nos quais o leitor fazia perguntas baseado apenas em fragmentos bíblicos, ou muitas vezes influenciado por outras pessoas a interpretar de uma certa maneira, eram recorrentes. Assuntos de ordem litúrgica também estavam entre as preocupações do leitor luterano, porque existiam muitas controvérsias quanto ao uso de paramentos, velas, batinas; sobre os deveres que competiam ao pastor como representante legítimo da Igreja Luterana. Seria ele quem deveria batizar?<sup>51</sup> E o conserva-

dorismo nos métodos dos pastores em seus sermões?<sup>52</sup>

Esse tipo de dúvida mostra a falta de informação que o leitor tinha do uso dos símbolos pela sua Igreja. Segundo Paulo Jung, são costumes herdados dos primeiros cristãos e não compreendidos por seus fiéis, como comprovou a pesquisa, pela falta de um atendimento adequado por parte dos pastores. A preocupação com o pecado também ocupava uma elevada parcela das perguntas enviadas ao periódico, como verificamos na série de perguntas que seguem abaixo.

Questionamentos dos mais simples aos mais complexos eram enviados no afã de uma resposta, como o da esposa que traíra o marido, mas se mostrava arrependida e queria o perdão deste, tendo, no entanto, medo de confessar a traição temendo que ele a deixasse;<sup>53</sup> ou de um casal de namorados que haviam fugido e depois retornaram à Igreja em busca do perdão. O pastor concedeu o perdão e comunicou a sua congregação o retorno deste casal às atividades da Igreja. Ainda, movido pela polêmica, um leitor formulou uma pergunta questionando a atitude do pastor de pedir o perdão em nome do casal, pois queria que isso fosse feito em público. A resposta do reverendo Paulo K. Jung, responsável pela coluna, foi bem categórica: a atitude do pastor fora correta, pois não só deve-

ria como poderia, por ser o pastor das almas e zelar pelos arrependidos; ou todos deveriam se arrepender publicamente, pois para Deus não existe diferença de pecado.<sup>54</sup>

Existiam outras preocupações de leitores sobre pecados: Era lícita ou pecado a prática de métodos artificiais de irrigação em tempo seco?<sup>55</sup> E a pintura de cabelos?<sup>56</sup> O uso do vestido de noiva no casamento por mulheres grávidas, casadas e até com filhos atraiu a preocupação de outro leitor, quanto à prática do pecado.<sup>57</sup> E o uso do seguro seria correto aos olhos de Deus?<sup>58</sup> Havia também a preocupação com crimes de autoridades: A polícia, que mata, uma pessoa por obrigação, tem perdão? Respondeu o pastor: quando no cumprimento de seu dever, a autoridade constituída (polícia) não comete pecado de matar uma pessoa; portanto, neste caso, não tem necessidade de perdão.<sup>59</sup>

As dúvidas dos leitores do *Mensageiro Luterano* revelavam-se em todos os âmbitos da sociedade brasileira, como é o caso do carnaval, uma festa nacionalmente conhecida. Um artigo publicado em fevereiro de 1982,<sup>60</sup> quase sete anos antes de a pergunta ser formulada à coluna, mostra que já havia uma preocupação da Igreja com esta festividade, alertando o leitor sobre a sua origem e rituais:

Um cristão pode pular carnaval? Alguns dizem que o carnaval não é de Deus, mas do mundo!

Resposta: Podes crer amigo, o carnaval não é de Deus. Considerando a origem pagã do carnaval, bem como os danos e males causados pelo carnaval à moral, prejudicando homens, mulheres, jovens e crianças e, ainda, considerando as desorganizações de famílias e os graves problemas sociais causados por esta festa, devemos considerar o carnaval uma ofensa a Deus. Por isso não só devemos evitar a participação no mesmo, mas também condená-lo e combatê-lo. A confiança em Jesus, o filho de Deus, que veio ao mundo destruir as obras do diabo (1 João 3.8), é o meio de o cristão se libertar desta tentação.<sup>61</sup>

A disposição do leitor em doar um órgão encheu-o de dúvidas quando procurou olhar o aspecto bíblico, não encontrando a resposta desejada. Então, escreveu para a coluna. Paulo K. Jung enquadrou o ato de doação como uma ação humanitária, admitindo a livre opção, e complementou: “A IELB não tem nenhum manifesto sobre o assunto.<sup>62</sup> No artigo,<sup>63</sup> publicado em setembro de 1989 no *Mensageiro Luterano*, sobre a doação de órgãos, assinalava que na época havia ausência de doadores nos centros especializados, motivo que causava ansiedade àqueles que estavam na fila à espera de uma doação de órgão.

O uso de imagens e esculturas de santos e de nomes de pessoas santas nas congregações nas Igrejas Luteranas gerou confusões, porque ao mesmo tempo ela condenava a adoração de imagens. Em muitas igrejas havia

esculturas internas e imagens nos vitrais, causando dúvida nas pessoas e comparando-as com outras instituições religiosas, principalmente os católicos.<sup>64</sup>

Outro assunto que chamou a atenção dos leitores da coluna “O leitor pergunta” na década de 1980 foi a designação de nomes santos que as congregações luteranas adotavam para denominar aquela instituição, visto que para muitos luteranos adorar santo é um costume católico. Assim, o leitor preocupado queria saber qual era a diferença disso para a idolatria. O pastor Paulo Jung disse em sua resposta que o nome dado às congregações luteranas só prestaria homenagem aos apóstolos, pelo seu espírito missionário, não se tratando de adoração ou idolatria. Quanto à congregação usar nomes, como Santo Antônio ou outro santo, seria uma referência ao nome da cidade, não ao santo.<sup>65</sup>

Perguntas de ordem familiar sempre estavam presentes na coluna do periódico, como problemas de relacionamento entre pais e filhos. Geralmente, as meninas adolescentes eram as que mais escreviam relatando as dificuldades de relacionamento com os pais, como: “Meu pai não quer que eu namore, porque o pai dele é um ‘pinguço’.”<sup>66</sup> Outra pergunta se referia à severidade com que o pai tratava a filha, sobrecarregando-a de serviço e só

lhe permitindo passeios acompanhada. A resposta do pastor Paulo Kert Jung atentou para o quarto mandamento, pelo qual, segundo a Bíblia, filhos devem obediência aos pais e os pais teriam de exigir dos filhos conforme a sua capacidade.<sup>67</sup>

Outro problema que atingia as famílias luteranas na década de 1980 era o acesso à televisão nos lares brasileiros, causando mudanças de relacionamento na família. Nessa década o *Mensageiro Luterano* publicou vários artigos, na coluna “Pais e filhos”, dos quais um foi sobre “O desajustamento familiar”,<sup>68</sup> com a repercussão na vida da criança causada pela falta de estabilidade no lar, quando determinada pelo desajustamento da família. Segundo outro artigo, publicado no veículo em 1984, “O cristão diante da TV”,<sup>69</sup> a pessoa, ao ficar longo período diante do aparelho, ficaria alienada, tornando-se escrava da televisão.

Os jovens luteranos, que tinham um espaço exclusivamente destinado a eles dentro do *Mensageiro Luterano*, utilizavam-no para alertar principalmente os demais sobre o uso da televisão em seus lares. O artigo publicado com o título “Televisão: um mal necessário”<sup>70</sup> indicava pesquisas realizadas em várias classes sociais sobre o uso inadequado da TV, principalmente nos dias de lazer.<sup>71</sup>



Assuntos polêmicos estavam sempre presentes na coluna, como os vícios entre os luteranos. Várias perguntas relativas ao jogo, fumo, bebida e danças foram formuladas. A preocupação dos leitores era constante, principalmente quando se referia aos vícios das outras pessoas. Um leitor, em sua pergunta, queria saber a opinião do pastor Paulo K. Jung sobre a realização de rifas e jogos em festas das congregações luteranas. Ele disse: “Na rifa se estimula a cobiça. No ofertar cristão, mostra-se a gratidão. No primeiro é lei e no segundo é promessa de bênção. O que deveria haver é crescimento consciente de todos na mordomia cristã e ofertas segundo a posse.”<sup>72</sup>

Havia também perguntas em que o leitor se preocupava com os viciados em cigarros. Em resposta, dizia o colunista que a Bíblia não fala em viciados, mas o fumo causa mal à saúde; logo, o melhor que se poderia fazer neste caso era não fumar e aconselhar os que fumavam a deixar o vício.<sup>73</sup>

Conforme pudemos observar, as mais diferentes situações estavam presentes no cotidiano desses homens e mulheres espalhados pelas regiões do Brasil. Fiéis “vítimas” da falta de assistência pastoral usavam o periódico *Mensageiro Luterano* para questionar,

dar sugestões, pedir ajuda, ou criticar e opinar na busca do entendimento de um mundo marcado por abruptas mudanças sociais.

## Considerações finais

A falta de pastores para o atendimento nas congregações trouxe inquietação à Igreja. Por isso a grande importância da coluna destinada exclusivamente ao leitor em seu principal veículo de informação *O Mensageiro Luterano*, que lhe dava liberdade de fazer perguntas, não importando o teor. Pode-se afirmar, assim, que a coluna “O leitor pergunta” foi uma solução momentânea para suprir a carência de pastores. Conforme o historiador Mario L. Rehfeldt, “o fato de que um pastor tinha de atender a oito ou mais congregações e pontos de pregação era uma regra, e não uma exceção”.<sup>74</sup> Essa era a realidade da Ielb no Brasil até a década de 1980, quando o pouco contato distanciava os fiéis dos seus pastores, gerando um clima de falta de familiaridade para tratar de certos assuntos pessoais ou do cotidiano; então, ele recorria à coluna do *Mensageiro Luterano* para sanar suas dúvidas.

## Abstract

*“Does the reader ask?”: the Lutheran Messenger newspaper and the ideal missionary of Evangelical Lutheran Church of Brazil between 1980 and 1989*

This work the objective to realize an analysis of the principal difficulties what the *Igreja Evangélica Luterana do Brasil* (Evangelic Church Lutheran of Brazil) faced in the course of the 20th century regarding the pastor' formation, which unleashed an enormous deficiency in the Ministers' number for missionary's work and for the service to the congregations that were in functioning. The direct reflex of this absence was the emergence of the column *“O leitor pergunta”* (“The reader asks”) of the magazine *Mensageiro Luterano* (Lutheran Messenger), official organ of the Church. So, we looked to know how the column collaborated to minimize the pastor's lack, drawing the profile of the Lutherans who were writing to the publishers, the pastors who answered these questions, as well as, the tenor of the questions and answers between the years of 1980 and 1989.

*Key words:* Evangelic Church Lutheran of Brazil. Pastor's graduation. Lutheran Messenger. Column “The reader asks”.

## Notas

- <sup>1</sup> A Lutheran Church – Missouri Synod (Sínodo Evangélico Luterano de Missouri), Ohio e outros estados, EUA, tem, aproximadamente, 135 anos. Foi fundada, por imigrantes alemães que deixaram sua pátria para estabelecer um novo lar e uma nova Igreja no novo mundo [...] seis mil congregações com aproximadamente três milhões de membros na América do Norte. Entrevista publicada com o presidente J. A. O. Preus da The Lutheran Church - Missouri Synod. *Mensageiro Luterano* jan/fev 1980. Edição especial. Para Maiores detalhes ver: RIETH, Ricardo. Igreja Evangélica Luterana do Brasil: uma abordagem histórica. *Revista Igreja Luterana*, São Leopoldo: [s.n.], 1996. Reily, Duncan Alexander, *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- <sup>2</sup> STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo*. Porto Alegre: Singular, 1999. GERTZ, René Ernani. Por uma história política da colonização alemã. In: ELY, Nilza Huyer (Org.). *Arroio do Sal: marcas do tempo*. Porto Alegre: EST, 2007, v. , p. 59-74.
- <sup>3</sup> PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja de Confissão Luterana no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- <sup>4</sup> LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: Aste, 1981.
- <sup>5</sup> TARSIER, Pedro. *História das perseguições religiosas no Brasil*. Cultura Moderna, 1936. 2 v.; ALVES, Ruben. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979; FACHEL, José P. G. *As violências contra os alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Egufpel, 2002.
- <sup>6</sup> REHFELDT, Mário L. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*. Trad. de Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 1. p. 56.
- <sup>7</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003; p. 57. Sobre as tentativas de aculturação dos alemães no Brasil ver também WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946.
- <sup>8</sup> TARSIER, Pedro. Op. cit., 1936; RIBEIRO, Bonerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991; MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*

- a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1994; MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- <sup>9</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003.
- <sup>10</sup> Formado em Teologia em 1911, nos Estados Unidos, e nascidos em 1889, Frankenmth, Mich.
- <sup>11</sup> DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153; CORRÊA, Ana Maria Martinez. Prefácio. In: DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- <sup>12</sup> BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002; LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- <sup>13</sup> Dos raros trabalhos com periódicos da Igreja Luterana do Brasil destacamos: DONNER, Sandra Cristina. Os jovens luteranos e a “revolução brasileira”: um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da *Revista da Juventude Evangélica* na década de 1960. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2001.
- <sup>14</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 31.
- <sup>15</sup> Era um integrante da colônia eleito pela maioria para cuidar da vida espiritual dos integrantes desta colônia.
- <sup>16</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 42.
- <sup>17</sup> Seminário para a formação de pastores luteranos, localizado em Missouri (MO) EUA.
- <sup>18</sup> Seminário para a formação de pastores luteranos, localizado em Illinois EUA.
- <sup>19</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 45.
- <sup>20</sup> WARTH, Carlos H. Op. cit., 1979, p. 41.
- <sup>21</sup> MARLOW, S. L. De uma Igreja Germânica para uma Igreja Brasileira. *Caderno Especial do Programa de Evangelismo e Mordomia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, Porto Alegre, n. 15, p. 68-71, 2004; HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- <sup>22</sup> PEREIRA, Eduardo Carlos. *O problema religioso da América Latina: estudo dogmático histórico*. 2. ed. São Paulo: Livraria Independente, 1949.
- <sup>23</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 99.
- <sup>24</sup> É um pedido feito pela congregação diretamente ao pastor ou à diretoria nacional, o qual tem a liberdade de decidir se o aceita ou não, mas deve considerar o seu chamado como um chamado divino, e seu campo de trabalho como um lugar onde Deus o colocou como servo de Cristo.
- <sup>25</sup> Nome dado a instituição de formação teológica da Ielb.
- <sup>26</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 54.
- <sup>27</sup> REHFELDT, op. cit., 2003, p. 84.
- <sup>28</sup> WARTH, Carlos H. Op. cit., 1979. p. 143.
- <sup>29</sup> O principal objetivo das escolas era valorizar as Escolas Missionárias no recrutamento de membros para a congregação e, mais tarde, para o seminário na formação de obreiros. Para maiores informações ver KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina – a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)*. Tese (Doutorado) - USP, São Paulo, 1997.
- <sup>30</sup> BUSS, Paulo Wille. Op. cit., 2006, v. 2, p. 31.
- <sup>31</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 34.
- <sup>32</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 127.
- <sup>33</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 200.
- <sup>34</sup> Crise gerada por rumores que alegavam ter o presidente da Ielb obtido verbas da LCMS para investimentos no Brasil de maneira sigilosa, sem o conhecimento do conselho ou de outras pessoas ligadas a administração.
- <sup>35</sup> A primeira controvérsia foi o envolvimento de pastores com o movimento carismático ou pentecostal e a outra foi a proposta, em convenção, de um maior envolvimento ecumênico da Ielb, como o ingresso no Conselho Luterano Latino Americano (CLLA) e uma aproximação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e American Lutheran Church (ALC).
- <sup>36</sup> BUSS, Paulo Wille. Op. cit., 2006, v. 2, p. 161.
- <sup>37</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 202.
- <sup>38</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 239.
- <sup>39</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 204.
- <sup>40</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 206.
- <sup>41</sup> Nome dado à LCMS, por ser a fundadora do distrito brasileiro e mantenedora das atividades administrativas e financeiras.
- <sup>42</sup> BUSS, Paulo Wille. Op. cit., 2006, v. 2, p. 119.
- <sup>43</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 118.
- <sup>44</sup> BUSS, op. cit., 2006, v. 2, p. 208.
- <sup>45</sup> Mensageiro Luterano, ano 50, fevereiro de 1967; p. 6.
- <sup>46</sup> WARTH, Carlos H. Op. cit., 1979, p. 298.
- <sup>47</sup> Mensageiro Luterano – março, 1977, p. 11.

- <sup>48</sup> Nascido em Arroio do Meio - RS, em 1939, Paulo Kerte Jung concluiu seu curso em Teologia no Seminário de Porto Alegre em 1962, tornando-se pastor da Ielb; em 1963 foi chamado para ser pastor em Santo Ângelo - RS, onde permaneceu até 1968; foi também conselheiro orientador da Juventude Evangélica Luterana. Neste mesmo ano foi ser missionário em Portugal. Além de presidente da Igreja Evangélica Luterana de Portugal, foi diretor internacional da Hora Luterana naquele país. Em 1973 retornou ao Brasil para ser pastor em Porto Alegre na congregação "São Paulo" e secretário nacional da Ielb em 1974. Fez parte do Conselho Redatorial nas décadas de 1970 e 1980 do *Mensageiro Luterano* e participou de várias colunas e artigos deste periódico. WARTH, Carlos H. Op. cit., 1979, p. 315 e *Mensageiro Luterano*, maio 1980, p. 22-23.
- <sup>49</sup> HOBBSAWM Eric J. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- <sup>50</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- <sup>51</sup> *Mensageiro Luterano*, set. 1988, p. 33.
- <sup>52</sup> *Mensageiro Luterano*, ago. 1982, contracapa.
- <sup>53</sup> *Mensageiro Luterano*, jul. 1980, 3ª capa. O pastor responde: "Segundo a Bíblia o seu marido tem direito de repudiar a mulher, mas segundo a própria palavra ele tem também a opção de perdoar o seu erro, mas dificilmente ele a perdoará se souber por outros, por isso é melhor a senhora mesmo contar [...]. Mas antes de querer receber o perdão, você deve estar absolutamente certa do seu arrependimento e propósito de se corrigir."
- <sup>54</sup> *Mensageiro Luterano*, maio 1989, p. 33. Outro questionamento foi lançado por uma moça que praticava a masturbação desde menina, a qual, ao descobrir que era pecado, procurou "corrigir-se do erro". Aventando a possibilidade de ficar noiva começou a preocupar-se com a possibilidade de não ser mais virgem e, por não querer enganar o noivo, recorreu à coluna do periódico para tirar as seguintes dúvidas. Perguntou à leitora: "A masturbação estraga a virgindade? Ou o hímen apenas deixa de existir quando houver relação com o sexo oposto? É possível uma moça se estragar sozinha? Será que sou virgem ainda? Por favor, estou aflita. Respondam-me." Respondeu o pastor: "Você colocou um problema que é de muitos. Você encontrou uma resposta

que muitos não sabem. Você buscou a solução com aquele que quer ajudar a todos, e a obteve. A masturbação é de fato um pecado porque está associada com pensamentos e desejos impuros e é uma satisfação egoísta de uma necessidade que Deus previu ser satisfeita a dois, no casamento. Mas não é um pecado imperdoável. Deus o perdoa como tantos outros, você agiu corretamente [...]. Não tem, por isso, motivos para se martirizar ou traumatizar. Deve confiar no amor e na misericórdia de Deus." *Mensageiro Luterano*, fev. 1982, contracapa.

- <sup>55</sup> *Mensageiro Luterano*, mar. 1983, contracapa. Resposta do pastor: "O tempo bom (chuva e sol na medida adequada) de fato é obra de Deus. Tempo seco, embora permitido por Deus não seja sua obra. É consequência do pecado, e por isso, pode ser combatido com irrigação artificial, é como a saúde (de Deus) e doença (do pecado). Podemos combater com remédio e a ajuda de Deus."
- <sup>56</sup> *Mensageiro Luterano*, jan. 1989, p. 33. Assim respondeu o pastor: "Tingir os cabelos não é pecado, faz parte do adornar-se, característica acentuada no sexo feminino, [...] os homens deveriam saber elogiar suas esposas, O antigo testamento fala muito em adornar-se, já no novo testamento geralmente é usado contra o uso de jóias. Tudo indica que Pedro não proibia, mas advertia o uso exagerado de fazer dos adornos um fim em si mesmo."
- <sup>57</sup> *Mensageiro Luterano*, set. 1989, p. 33. Resposta: "Não é lei de Deus, que só as moças casem com vestidos de noiva, nem é lei de Deus que qualquer pessoa se case com vestido de noiva e branco. É uma tradição para simbolizar a pureza com que Deus quer que seja iniciada a união. Lamentamos a desvirtuação deste símbolo em tempos modernos e não dá para se combater com a lei. Mas o casar grávida é pecado contra o sexto mandamento, escondendo vida sexual ativa antes do casamento. Condescendemos com esse erro influenciado pelos tempos modernos. É para esse problema e não do uso do vestido que os cristãos devem prestar atenção."
- <sup>58</sup> *Mensageiro Luterano*, fev./mar. 1986, contracapa. Resposta: "Segurar sua plantação, o carro, casa, não é falta de confiança em Deus e então pecado, mas é uma questão de administrar bem seus bens. Se fosse pecado pagar seguro, também seria pecado vacinar as crianças e adultos contra doenças [...]. Se Deus quer que usemos a nossa inteligência para preservar a vida que ele



nos deu, no simples ato de atravessar a avenida, por certo ele não nos desaprová se fizermos seguro para garantir o reembolso do investimento, caso seja destruída.”

<sup>59</sup> Mensageiro Luterano. Jun. 1987, p. 33. Nas respostas do rev. Paulo K. Jung, Jesus demonstra aos homens o perdão no cumprimento das leis criadas por Deus, quando feitas com sinceridade, e a confiança que autoridades constituídas podem ter no cumprimento de suas obrigações, dentro das leis instituídas por uma nação.

<sup>60</sup> Artigo publicado no *Jornal de Oração* por Antônio Pacitti, sob o título “Carnaval – origem e natureza”, e reproduzido pelo mensageiro luterano.

<sup>61</sup> Mensageiro Luterano, dez. 1988, p. 33.

<sup>62</sup> Pergunta realizada ao *Mensageiro Luterano* em novembro de 1987 sobre doação de órgãos.

<sup>63</sup> Artigo publicado no *Mensageiro Luterano* em setembro de 1989 por Anne Beatriz Schelp, membro da congregação Cruz de Petrópolis - RS, formada em enfermagem pela Ulbra e colaboradora da equipe de transplantes de córnea da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

<sup>64</sup> Mensageiro Luterano, mar. 1984, p. 33.

<sup>65</sup> Mensageiro Luterano, dez. 1988, p. 33.

<sup>66</sup> Mensageiro Luterano, ago. 1988, p. 33. Responde o pastor: “Os seus pais estão querendo preservar você de sofrimentos futuros. Embora o rapaz não beba, e admitindo que ele jamais siga o exemplo do pai, vocês não poderão isolar completamente o seu lar, dos problemas gerados no lar dos pais de seu namorado, [...] você precisa estar preparada para esse tipo de conflito [...] é desses problemas que seus pais a estão preservando. [...] por que em vez de ficar quebrando a cabeça, você não se une a seus pais, ao seu namorado e ao seu pastor (você diz que a família dele é luterana), para salvar o pai desse rapaz do vício que o domina. Você tem várias preocupações, menos com a sua alma. Quem sabe este é o caminho da felicidade que você tanto quer e merece?”

<sup>67</sup> Mensageiro Luterano, jun. 1986, contracapa.

<sup>68</sup> Artigo publicado no *Mensageiro Luterano* em agosto de 1980, por Placita Traudy Ellwanger Leyser.

<sup>69</sup> Artigo publicado no *Mensageiro Luterano* em agosto de 1984 pelo estudante da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, Dieter J. Jagnow.

<sup>70</sup> Artigo publicado no *Mensageiro Luterano* em agosto de 1988 pela estudante de comunicação

social (Publicidade e Propaganda) e vice-secretária da Jelb (Juventude Evangélica Luterana do Brasil) Verena I. Gewehr.

<sup>71</sup> Neste mesmo periódico o leitor escreve para a coluna “O Leitor Pergunta”, preocupado com o uso inadequado do aparelho de televisão em sua casa, e faz a seguinte pergunta: “Minha casa já não é mais a mesma desde que adquirimos um aparelho de televisão. Os filhos deixam a mesa antes de terminar a refeição; não há mais tempo para as leituras bíblicas e devoção em família. Até o meu marido parece que gosta mais dos programas de TV do que de mim. Que devo fazer?” Respondeu o pastor: “Primeiro conquiste seu marido. Talvez você não lhe esteja dando a atenção que a televisão dá. Arrume-se seja atraente na atenção e na forma de falar [...]. Procure então, num diálogo honesto e calmo, mostrar-lhe os transtornos que a televisão esta trazendo ao vosso lar. Uma vez conquistando o marido, poderá com ele conquistar os filhos para a sua ‘causa’ [...]. Com o marido do seu lado, procurem num diálogo franco, em família, depois de analisar os problemas que a situação vem criando, estabelecer algumas regras [...]. A natureza da programação da TV, com emissão praticamente nas 24 horas do dia, exigem e impõem que se façam determinadas regras de uso na família, antes de adquirir um aparelho, ou então, com mais esforço e custo, depois que se o possui, mas ainda antes que os membros da família se tornem estranhos sob o mesmo teto.” Mensageiro Luterano, ago. 1980, p. 29.

<sup>72</sup> Mensageiro Luterano, out. 1980, p. 29.

<sup>73</sup> Mensageiro Luterano, set. 1988, p. 33. A resposta que segue abaixo foi ordenada de três perguntas de diferentes pessoas, mas com o mesmo objetivo: “O cristão luterano pode fumar e beber? É pecado o crente ir a bailes cinemas, fumar e beber bebidas alcoólicas? É pecado fumar?” Respondeu o pastor: “Numa época em que autoridades investem, através de modernos meios de comunicação, com campanhas contra as drogas, não podemos deixar de incluir o tabaco e o álcool, como elementos prejudiciais à saúde, particularmente quando consumimos além dos limites toleráveis do corpo humano. E é além desse limite que eles podem ser classificados como pecado. Devendo constantemente se autojulgar de acordo com (1 Co 10.23) ‘todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam’. Quanto a bailes e cinema o censo cristão dos filhos de

Deus determinará [...]. Não é o cinema, mas o filme que nos pode induzir ao pecado. Não é o baile, mas a maneira de dançar que pode induzir o pecado." *Mensageiro Luterano*, maio 1987, p. 33.

<sup>74</sup> REHFELDT, Mário L. Op. cit., 2003, p. 164.

## Bibliografia

ALVES, Ruben. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

CORRÊA, Ana Maria Martinez. Prefácio. In: DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

DREHER, Martim. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

\_\_\_\_\_. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

\_\_\_\_\_. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contexto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1993. p. 109-131.

FACHEL, José P. G. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Egupel, 2002.

FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a Igreja Luterana no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 61-73, 1998.

GERTZ, René E. O luteranismo no Rio Grande do Sul. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 359-68, 1983.

\_\_\_\_\_. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001.

GUEIROS, Vieira, David. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *Protestantismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1983.

KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina – a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)*. Tese (Doutorado) - USP, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro - Florianópolis*. Florianópolis: Papalivro, 1994

KOCH, Ingelore Stark (Org.). *Brasil: outros 500 - protestantismo e a resistência indígena, negra e popular*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. v, p. 145-157.

LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: Aste, 1981.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo.

MARLOW, S. L. De uma Igreja germânica para uma Igreja brasileira. *Caderno Especial do Programa de Evangelismo e Mordomia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, Porto Alegre, n. 15, p. 68-71, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir - a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1994.

- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- NADALIN, Sérgio Odilon. Dinâmica da população evangélica luterana em Curitiba a partir de 1866: alguns aspectos sobre fecundidade. *História, Questões e Debates*, v. 3, n. 5, p. 195-204, 1982.
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja de Confissão Luterana no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- REILY, Duncan Alexander, *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.
- RIBEIRO, Boanerges, *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.
- RIETH, Ricardo. Igreja Evangélica Luterana do Brasil: uma abordagem histórica. *Revista Igreja Luterana*, São Leopoldo: [s. n.], 1996.
- STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo*. Porto Alegre: Singularart, 1999.
- TARSIER, Pedro. *História das perseguições religiosas no Brasil*. Cultura Moderna, 1936. 2 v.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946.